

**PACTO NACIONAL PELO  
FORTALECIMENTO DO  
ENSINO MÉDIO: FORMAÇÃO  
CONTINUADA PARA OS  
PROFESSORES DO ENSINO  
MÉDIO DO ESTADO DO  
PARANÁ**

**JUNHO-2014**

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
DIRETORIA DE POLÍTICAS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS  
DIRETORIA DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO:  
FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFESSORES DO ENSINO  
MÉDIO DO ESTADO DO PARANÁ**

**JUNHO  
2014**

**GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ**

CARLOS ALBERTO RICHIA

**VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ**

FLÁVIO ARNS

**SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

PAULO SCHMIDT

**DIRETOR-GERAL**

EDMUNDO RODRIGUES DA VEIGA NETO

**SUPERINTENDENTE DA EDUCAÇÃO**

ELIANE TEREZINHA VIEIRA ROCHA

**DIRETORIA DE POLÍTICAS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS**

EZIQUEL MENTA

**DIRETORIA DE ARTICULAÇÃO PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

IVANILDE MARIA TIBOLA

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA**

TELMA FALTZ VALÉRIO

**COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO ENSINO MÉDIO**

MARLY ALBIAZZETTI FIGUEIREDO

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO

Departamento de Educação Básica

Avenida Água Verde, 2140

[www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br)

80240-900 CURITIBA – PARANÁ

## **COLABORADORES**

Alexandra Maria dos Santos  
Ana Carolina Morello  
Angela Dorcas de Paula  
Deuseles de Oliveira  
Dolores Follador  
Eliete de Lara Constante  
Elisandra Angrewski  
Elizabeth dos Santos  
Gerson Luiz Portela de Oliveira  
Hélio Puchalki  
Janete de Fátima Stimamiglio  
Josemary Moreno Delgado Rech  
Juara Regina Arthury de Almeida Ferreira

Katya Aparecida de Carvalho Prust  
Lucimar Donizete Gusmão  
Marcelo Lambach  
Maria Regina Bach  
Marisa Leris Pereira da Silva  
Marli Francisca Peron  
Marly Albiazzetti Figueiredo  
Monica Bernardes de Castro Schreiber  
Otto Henrique Martins da Silva  
Sulamita da Silva e Souza Fernandes  
Telma Faltz Valério  
Tiago Ungericht Rocha  
Valéria Arias

## **ORGANIZADORES**

Lorena Maria Laskoski  
Marly Albiazzetti Figueiredo  
Otto Henrique Martins da Silva

<sup>1</sup> É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

## 2.2 Eixos epistemológicos de articulação das disciplinas do currículo: leitura e problematização

A sociedade contemporânea, em decorrência dos avanços científicos e tecnológicos, tem exigido dos sujeitos maior capacidade de leitura e interpretação da realidade. Por conta disso, a educação e, de modo particular, a escola têm um papel fundamental na formação dos cidadãos, auxiliando os estudantes no sentido de possibilitar uma ação social consciente e crítica, por meio da aquisição de conhecimentos.

Isso posto, assumindo que aquisição de conhecimentos é pressuposto para a construção e consolidação da cidadania e que a escola é instância socializadora dos conhecimentos historicamente acumulados, impõe-se, de saída, o esclarecimento conceitual desse elemento basilar: o que é *conhecimento*? Como se dá o ato de conhecer? Qual a origem do conhecimento?

Entende-se por conhecimento a relação que se estabelece entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido, bem como o produto obtido por meio dessa relação e acumulado pelo homem ao longo do tempo. O conhecimento pode ser compreendido numa perspectiva cultural. Como ser biológico e cultural, o ser humano se distingue dos demais seres vivos por se situar de forma consciente e crítica no mundo. Mediante a interação com o meio, os seres humanos desenvolvem, ampliam, revisam e repassam conjuntos de valores, crenças, costumes, conceitos e ideias, buscando dar sentido à própria existência.

Como formas de apropriação direta do real, podemos considerar dois modos de conhecimento: a intuição e o conhecimento discursivo. A intuição se expressa de distintas formas (sensível, psicológica, inventiva etc.), por meio das quais é possível obter conhecimentos imediatos que, em grande parte, são, num primeiro momento, inexprimíveis. Por sua vez, o conhecimento discursivo – aquele que pode ser encadeado por meio de raciocínios – requer o uso de signos linguísticos (palavras, símbolos, imagens etc.) para, a partir das informações provenientes da intuição, elaborar, organizar e articular proposições. Esse trabalho de organização pressupõe o domínio de linguagens e envolve processos cognitivos que viabilizam escolhas, hipóteses e análises, entre outras operações mentais.

Desse modo, podemos considerar, num sentido amplo, que o conhecimento corresponde ao ato da razão pelo qual, por meio da intuição e de raciocínios, encadeamos juízos e derivamos conclusões. Como produto desse processo, o conhecimento é uma expressão do real, variável de acordo com os elementos levados em consideração em cada momento, e não sua cópia.

Essa discussão é fundamental para a compreensão do papel da escola como instância socializadora de saberes. A respeito disso, Luckesi (1994) aponta que, no processo educativo, é possível aprender tanto a partir da investigação direta da realidade como pela reprodução de saberes historicamente acumulados. Na prática, a primeira possibilidade não é a mais utilizada no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as limitações espaço-temporais constituem um impeditivo para tal. Assim, o processo educativo é pautado em grande parte pela reprodução de saberes acumulados, por meio dos mais variados modos de exposição (oral, escrita etc.).

O conhecimento escolar, todavia, somente será efetivo na vida dos cidadãos se for incorporado pela compreensão, exercitação e uso criativo. Desse modo, a organização dos conteúdos escolares por meio das disciplinas curriculares pressupõe elementos articuladores que signifiquem e relacionem os saberes escolares. Nesse sentido, considerando que, quando falamos em conhecimento, estamos nos referindo à “compreensão inteligível da realidade que o sujeito humano adquire através da confrontação com essa mesma realidade” (LUCKESI, 1994, p. 122), elegemos como eixos epistemológicos articuladores desse processo a leitura e a problematização.

A leitura é o modo como organizamos o conjunto de elementos de cada situação com que nos defrontamos, para derivar sentidos possíveis que nos permitam agir de modo congruente com a realidade, ou seja, de modo que preservemos nossa integridade física e social (em todas as suas facetas). A leitura, nesse sentido, é requisito fundamental para a atividade cognitiva.

Ocorre que, uma vez determinado um sentido, a tendência do ser humano é repetir o procedimento exitoso. Se não se deparar com a necessidade de elaborar novo arranjo de sentido, a tendência é o sujeito ficar restrito ao que já domina. Isso vale para o senso comum que ele traz para a escola. Se ele não se depara com a necessidade de questionar esse conhecimento, esse conhecimento não evolui.

É nesse sentido que a problematização é tomada igualmente como eixo articulador, pois é ela quem desencadeia a leitura. Cabe um esclarecimento sobre o termo *problematização*. Ele não está sendo tomado como a ação intencional de alguém unilateralmente questionar a realidade, mas como o confronto com um obstáculo que impede a consecução das ações em curso e exige um novo olhar sobre a realidade. Nessa situação (confronto com um problema), o sujeito precisa produzir um novo conhecimento sobre a realidade (uma nova relação com o objeto conhecido, conforme assumido anteriormente).

Por meio da problematização da realidade, isto é, do surgimento de um obstáculo, instaura-se a necessidade de interpretação, de abordagem analítica e não apenas instrumental, a qual exige um amplo processo de investigação (observação, experimentação, levantamento e formulação de hipóteses, verificação e análise, entre outras operações); enfim, de leitura. Para realizar esse processo de investigação parte-se do conhecimento do senso comum, dos valores e dos repertórios que cada sujeito traz consigo. O sujeito é dotado de curiosidade e precisa ser desafiado para compreender os problemas de sua realidade. Tais problemas provocam um movimento de pensamento, um esforço cognitivo do sujeito para formular perguntas, porém perguntas que o lancem em um processo de busca permanente pelo conhecimento.

Leitura e problematização, tendo em vista que estão na raiz da produção do conhecimento, têm natureza epistemológica. Estamos falando, portanto, de elaboração conceitual/abstrata e teórico/prática do conhecimento escolar, ou seja, das relações de mediação pedagógica que se estabelecem no percurso da transmissão/apreensão dos conteúdos referendados pelas diversas ciências e campos de conhecimento. Entende-se que encaminhamentos metodológicos das diversas especificidades disciplinares do currículo escolar com base no trabalho pedagógico fundado na leitura e na problematização vão ampliar e aprofundar os conhecimentos específicos das disciplinas curriculares, além de propiciar o diálogo interdisciplinar, característica esta também de cunho epistemológico. Desse modo, o binômio leitura/problematização promove a atitude investigativa e propicia o substrato necessário para interpretação do mundo cotidiano, considerando-o não apenas na sua imediatividade, mas, sobretudo, nas suas relações mais complexas. Tais capacidades

são basilares para a construção da criticidade e da autonomia intelectual dos estudantes.

No processo de ensino e aprendizagem, em que a centralidade deve incidir no estudante, os fundamentos teórico-metodológicos e as práticas pedagógicas deles decorrentes devem ser orientados para a apropriação de conhecimentos e as necessárias mudanças comportamentais que se espera com essa apropriação, favorecendo a concretização dos grandes objetivos da educação escolar. Dentre esses, destacam-se o desenvolvimento da atitude investigativa, o aprimoramento do espírito crítico e das capacidades interpretativa e discursiva, o desenvolvimento do gosto estético e das aptidões de apreciação e fruição das produções das diversas linguagens artísticas e a apropriação dos subsídios necessários para o pleno exercício da cidadania.

Para que os estudantes se apropriem criticamente do conhecimento sistematizado, é imprescindível que a leitura e a problematização, como eixos epistemológicos articuladores, se efetivem de fato como instrumentos da ação docente, o que dá ao professor papel fundamental, pois é ele quem irá mediar esse processo. Tais eixos também sustentam encaminhamentos metodológicos que, por sua vez, configuram procedimentos didáticos e propiciam a reflexão, o entendimento de conceitos e a formulação de hipóteses acerca de e para a compreensão da realidade.

O processo educativo assim entendido, como movimento da práxis – que imbrica reflexão e ação consciente sobre o real –, somente ocorrerá quando os sujeitos forem capazes de compreender os fatores sociais, políticos, econômicos e culturais presentes no seu meio e, ao mesmo tempo, desenvolverem a consciência da sua prática social, o que inclui os seus percursos escolares. Na prática social escolar, os sujeitos têm a oportunidade de refletir sobre os problemas do conhecimento, sobre a sua história, sobre a sociedade e os problemas da humanidade e suas implicações. É também na prática social escolar que se fundamentam e se expandem os diversos conhecimentos e competências e se ascende, progressivamente, a níveis mais complexos de compreensão relativamente aos conteúdos das Ciências Humanas, Sociais e Naturais, da Matemática, da Filosofia, das Artes e das Linguagens.



É nesse processo contínuo de busca, investigação e amadurecimento intelectual que se produzem os subsídios para que os estudantes consigam conferir sentidos à realidade – para além de sua experiência cotidiana –, e também os suportes éticos, políticos e gnosiológicos necessários para transformá-la.

#### **LEITORES CRÍTICOS**

**Altair Pivovar:** possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal do Paraná (1989), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (1999) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2007). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná, atuando principalmente nos seguintes temas: metodologia de ensino, leitura, ensino de língua materna, interpretação e escrita.

**Jose Carlos Cifuentes Vasquez:** possui graduação em Matemática pela Universidad Nacional de Ingeniería (Lima-Peru, 1982), mestrado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (1988) e doutorado em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Paraná, atuando principalmente nos seguintes temas: lógica matemática, epistemologia e estética da matemática, o método de analogia na construção do conhecimento matemático.

#### **REFERÊNCIA**

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.